

CARTA A ALEXANDER IVANOVICH HERZEN

Data: 15 de outubro de 1861

Tradução: Leon Martins Carriconde Azevedo

São Francisco, 15 de outubro de 1861.

Amigos! Eu tive sucesso em escapar da Sibéria; e depois de longas perambulações pelo Amur e pela costa do estreito da Tartária, depois pelo Japão, cheguei hoje a São Francisco. Mas essas peregrinações já exauriram meu pé-de-meia, que já não é grande, de modo que se eu não tivesse encontrado um bom homem que me emprestasse 250 dólares até Nova Iorque, teria ficado em um grande embarço. Até você há um longo caminho, e eu não tenho amigos nem mesmo conhecidos por aqui. Estarei em Nova Iorque por volta de 18/10 de novembro. De acordo com meus cálculos, você receberá esta carta por volta de 15 de novembro; nessas condições, sua resposta pode chegar a Nova Iorque no final deste mês. Espero que você tenha recebido dinheiro da Rússia para mim. Mas, seja como for, por favor, mande 500 dólares para mim em Nova Iorque ou, me parece, 100 libras esterlinas, que preciso para cobrir minhas despesas de viagem a Londres. Nesse caso, estarei com você por volta de 10/2 de dezembro. Mais um pedido: assim que você receber esta carta, informe imediatamente meus irmãos, por meio de seus amigos na Rússia (em Tver 'ou governo de Tver', cidade de Torñok, burgo de Prjamuchino, Nikolaj Aleksandrovi... Bakunin), que cheguei são e salvo em São Francisco e chegarei a Londres em meados de dezembro. Minha esposa provavelmente estará agora conosco, no burgo, e acompanhada por um

dos meus irmãos ou outra pessoa qualquer, ela partirá para Londres assim que receber notícias; e mais um pedido: alugue para mim, bem perto de você, um canto barato e escreva-me, em Nova Iorque, onde terei que ir em Londres. Se o espaço for muito pequeno, quando minha esposa chegar a Londres, saberei como alugar outro. Meu endereço em Nova Iorque: Sr. Bakunin, «Howard House», Broadway e Courtland. Em sua carta, coloque um bilhete em meu nome, algo como um aviso do seu banqueiro, mencionando o valor que você está me enviando, e o nome do banqueiro em Nova Iorque, que, ao apresentar esse bilhete, ele terá que me entregar.

Amigos, anseio com todo o meu ser em ir até vocês, e assim que chegar, vou começar a trabalhar; cuidarei da questão polonês-eslava, que tem sido minha ideia fixa desde 1846 e praticamente minha especialidade em 48 e 49. A destruição, a destruição integral do Império Austríaco, será minha última palavra, não estou dizendo meu negócio, isso seria muito pretensioso; para servir a essa nobre causa, estou pronto para me juntar aos tambores, ou mesmo aos marginais; e se eu pudesse fazê-la avançar um pouco, estaria feliz. Mas por trás dela, surge a gloriosa, a livre federação eslava, a única saída para a Rússia, Ucrânia, Polônia e, em geral, para todos os povos eslavos. Aguardo com grande paciência o dia de amanhã para ter notícias da Rússia e da Polônia. Hoje eu tive que me contentar com vagos rumores. Falaram-me de uma retomada dos confrontos sangrentos

entre o povo e o exército no Reino da Polônia e, também, de uma conspiração na Rússia em plena luz do dia contra a vida do imperador e de sua família. Talvez eu saiba amanhã qual é a situação.

A luta entre os estados do Norte com os do Sul da América também me interessa fortemente. É evidente que todas as minhas simpatias estão com o Norte, mas, ai de mim!, parece que o Sul tem sido até agora mais enérgico em sua ação, mais inteligente e coesa do que a do Norte, além de inquestionavelmente superior em todos os confrontos. É verdade que o Sul vem se preparando para a luta há três anos, enquanto os estados do Norte foram pegos desprevenidos. O incrível sucesso da especulação entusiasmada e raramente honesta, a mediocridade do bem-estar material egoísta e a satisfação barata de um orgulho nacional infantil e pavoroso aparentemente os corromperam muito; e talvez essa luta seja salutar na medida em que restituirá ao povo americano a alma que ele perdeu.

Pelo menos essa é minha primeira impressão, em uma análise mais detalhada talvez eu mude minha opinião. No entanto, não terei tempo para observar por muito tempo. Em São Francisco, ficarei por cinco dias no total; e assim que chegar a Nova Iorque, irei para Boston e Cambridge, com meu velho conhecido, o professor Agazis; receberei cartas de recomendação dele, com as quais irei a Washington por alguns dias. Dessa forma, acabarei me surpreendendo, ou pelo menos aprendendo alguma coisa. Pelo caminho, consegui organizar um bom negócio que certamente lhe encantará: sabendo como o *Kolokol*¹ e a *Poljarnaja Zvezda*^{2 3}. Eles vão receber da comissão tudo o que enviarmos de Londres e venderão a oficiais navais ou a comerciantes de Kjachinsk, cujos números no Amur e no oceano Pacífico estão aumentan-

do a cada ano. Dessa forma, nós venderemos entre 100 e 300 cópias, uma quantidade que, do ponto de vista comercial, não é considerável, mas que, do ponto de vista político, será extremamente importante.

Mas está na hora de terminar minha carta e ir para a cama. Adeus, amigos, e até breve. Escreva ao Reichel que eu ressuscitei e que minha amizade por ele continua inalterada.

Vosso M. Bakunin

1 *Kolokol* foi o nome do jornal de exilados russos na Inglaterra. Foi publicado em Londres de 1857 a 1865 e depois em Genebra até 1867, cujos editores foram Nikolay Ogarev (1813-1877) e Alexander Herzen (1812-1870). (Nota dos editores).

2 *Poljarnaja Zvezda* foi o título das antologias russas divulgadas por Alexander Herzen e Nikolay Ogarev em Londres (1855-1862) e Genebra (1868). O nome era uma referência à uma publicação dos revolucionários russos conhecidos como “de-zembrista”, divulgada em São Petersburgo de 1823 a 1825. (N. dos E.).

3 Em francês, o nome do rio é Amour, idêntico à palavra francesa para “amor”. (N. dos E.).